

O MANUAL PRINCÍPIOS BÁSICOS DE PRÁTICA DE ENSINO DO PABAE E COMO FONTE HISTÓRICA NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

GT 13: História da Educação
Trabalho completo
Luzineide de Oliveira CAMPOS
(Mestranda do PPGE-MP¹/ UnB)
dluzineide@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo analisa o primeiro capítulo do livro *Princípios Básicos de Prática de Ensino*, publicado em 1965 no Brasil por intermédio do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE E). O estudo explora esse capítulo inicial, fornecendo também um breve panorama histórico do Brasil nas décadas de 1950 e 1960, e discute os princípios que orientaram a formação de professores. São destacados assuntos como a educação para a democracia, o ensino reflexivo e a necessidade de uma base filosófica sólida para a prática docente. A análise enfatiza a relevância das fontes históricas para a compreensão da história da educação.

Palavras-chave: História da educação. PABAE E. Formação docente.

Introdução

A história da educação, conforme definido por Galvão e Lopes (2010), é um campo de investigação que abrange práticas educativas, instituições, ideias pedagógicas, políticas educacionais e experiências escolares ao longo do tempo. As autoras destacam a relevância de compreender a educação em seus contextos históricos específicos, considerando as influências sociais, culturais, econômicas e políticas que moldam os processos educacionais. Com base nesse entendimento, o objetivo deste texto é analisar o primeiro capítulo da obra *Princípios Básicos de Prática de Ensino* como uma fonte histórica. Lançado no Brasil em 1965 pela Editora Fundo de Cultura, escrito pelos educadores estadunidenses Harold P. Adams e Frank G. Dickey, e traduzido para o português por Wanda Rolim Pinheiro Lopes, no contexto do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE E).

De acordo com Paiva e Paixão (2002), o PABAE E, implementado entre 1956 e 1964, durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi uma iniciativa estratégica no contexto da Guerra Fria, inserida em um cenário de cooperação internacional, especialmente entre Brasil e Estados Unidos. O programa visava modernizar o sistema educacional brasileiro, introduzindo métodos pedagógicos e materiais didáticos inspirados no modelo norte-americano.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional da Universidade de Brasília.

Discutir o primeiro capítulo do manual, intitulado *Estabelecendo Bases Para a Prática de Ensino*, é interessante para conhecer o contexto, os objetivos e os princípios que moldam a prática docente recomendada, refletindo as concepções de ensino e aprendizagem valorizadas na época. Analisar essa seção permite refletir a respeito das bases filosóficas e pedagógicas que influenciaram a formação de professores.

É fundamental compreender que a educação vai além da simples transmissão de conteúdos e habilidades técnicas. Ela deve ser concebida como um processo holístico, que abarca o desenvolvimento crítico, emocional e social dos alunos. Como destacam Kuhlmann Jr. e Leonardi (2017, p. 222), "a educação não é vista como dependente de processos externos, nem autônoma em relação a eles, mas como parte integrante da vida social". Nesse sentido, é crucial que os educadores reflitam continuamente sobre as demandas do presente, ao mesmo tempo em que se apropriem da história que embasa as correntes filosóficas da educação. O reconhecimento do valor das fontes históricas é, portanto, indispensável para enriquecer e aprofundar esse processo de conhecimento.

Segundo Kuhlmann Jr. e Leonardi (2017) as fontes históricas da educação não são neutras ou apenas registros do passado, mas construções sociais. Elas são produzidas dentro de cenários específicos e carregam intencionalidades, valores e perspectivas dos agentes que as produziram. Deste modo, os autores enfatizam a importância de uma análise crítica das fontes, que deve considerar não apenas o conteúdo, mas também as condições de produção, circulação e recepção.

Para Dario Ragazzini (2001) as fontes são produzidas e interpretadas dentro de realidades específicas, refletindo interesses, perspectivas e relações de poder. Logo, a análise crítica das fontes deve considerar não apenas o conteúdo explícito, mas também o contexto de produção para compreensão dos objetivos de quem produziu.

Como se observa, uma fonte histórica abrange diversos aspectos, que vão desde sua origem de produção até seu conteúdo e finalidade. Assim, é possível compreender que uma fonte histórica não é apenas um vestígio do passado, mas um artefato, carregado de intencionalidades e perspectivas, que exige uma análise crítica.

Mediante abordagem qualitativa, baseada na análise documental do manual pedagógico, este texto é guiado pela história da educação e está estruturado da seguinte forma: introdução; contexto histórico brasileiro nas décadas de 1950 e 1960; exposição do conteúdo do primeiro capítulo do livro e as teorias educacionais relacionadas à formação docente; e, por fim, as considerações finais e as referências. Para fundamentar essa análise, foram utilizadas as contribuições de Galvão e Lopes (2010), Kuhlmann Jr. e Leonardi (2017), Ragazzini (2001),

Cunha (2013), Pedrosa e Silva (2020), Paiva e Paixão (2002), Garcia e Silva (2019), Mauad e Lissovsky (2021) e Lima (2022). A seguir, será explorado o contexto histórico, seguido pela apresentação do primeiro capítulo do manual.

Contexto histórico brasileiro da década de 1950 e 1960

De acordo com Kuhlmann Jr. e Leonardi (2017), os anos 1950 foram marcados por transformações nas interações de consumo, avanços na industrialização, e a emergência do capitalismo e do socialismo como modelos políticos e econômicos predominantes. Além disso, houve um aumento significativo na demanda por educação e uma expansão das formas de comunicação disponíveis. Esses fatores moldaram um período de intensa mudança e desenvolvimento, evidenciando a necessidade de uma educação que acompanhasse essas transformações.

Lima (2022) esclarece que, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) foi marcado por um período de desenvolvimento econômico e modernização do Brasil, simbolizado pelo seu *slogan* "50 anos em 5". Ele implementou o Plano de Metas, focado em setores como energia, transporte, indústria, alimentação e educação, promovendo a industrialização e a infraestrutura do país. A construção de Brasília, a nova capital do Brasil, foi um marco desse governo, representando a interiorização do desenvolvimento.

Ainda, segundo Lima (2022), nesse período houve um aumento significativo na demanda por educação, desde a alfabetização até o ensino superior, característico do pós-Segunda Guerra Mundial, conhecido como os anos de expansão escolar. A escola era associada ao desenvolvimento, mobilidade social e igualdade, e, no Brasil, destacava-se como essencial para o progresso nacional, diante da necessidade de formar um novo "ser social" para a indústria emergente. Assim, a melhoria da educação envolvia o combate ao analfabetismo, a construção de novas escolas e a formação de mais professores.

Neste cenário histórico, é necessário relatar que Anísio Teixeira esteve à frente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) entre 1952 e 1964. Durante esse período, ele colaborou na promoção de pesquisas educacionais e no desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a melhoria da educação no Brasil (Pedrosa; Silva, 2020).

De acordo com Paiva e Paixão (2002), em 1956, o Brasil e os Estados Unidos firmaram um acordo conhecido como PABAE. Essa parceria tinha como objetivo modernizar o sistema educacional brasileiro através de reformas curriculares, capacitação de professores e construção de escolas. Segundo os autores, além de promover o desenvolvimento econômico e social, o

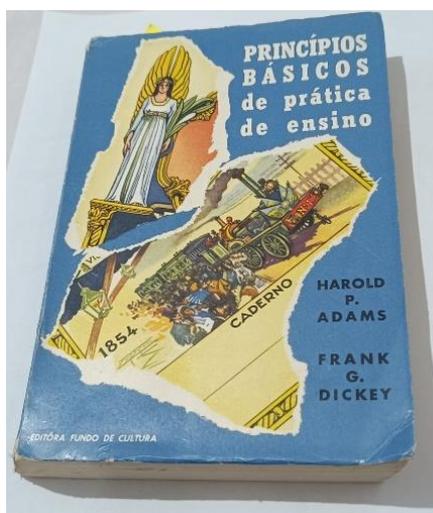
programa também envolvia a tradução e adaptação de materiais didáticos norte-americanos para serem utilizados nas instituições de ensino brasileiras.

Ainda nesta discussão histórica, é importante destacar que, em 1964, os militares assumiram o controle do governo brasileiro, instaurando uma ditadura que suprimiu liberdades civis e perseguiu opositores políticos. Este período, que se estendeu até 1985, foi marcado pela implementação de atos institucionais que restringiram direitos e fortaleceram o poder executivo. Durante esses anos, a repressão foi intensa e abrangente, impactando a vida política e social do país (Mauad; Lissovsky, 2021). Diante do exposto, é possível perceber que o período histórico relatado neste texto foi caracterizado por grandes mudanças políticas no Brasil. Após esta breve contextualização, retornemos à análise da fonte histórica que é o foco deste trabalho: o livro, *Princípios Básicos de Prática de Ensino*.

Fonte histórica: O livro *Princípios Básicos de Práticas de Ensino* do PABAE

“A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica” (Ragazzini, 2001, p. 14). Com base nessa reflexão sobre fonte histórica, este tópico apresenta as principais características do primeiro capítulo do livro *Princípios Básicos de Práticas de Ensino*.

Imagem 1 – Foto da capa do livro *Princípios Básicos de Prática de Ensino*



A obra, que possui 397 páginas, tem capa azul e é ilustrada com imagens, incluindo uma mulher vestida em estilo grego e uma cena de uma estação de trem datada de 1854, acompanhadas pela palavra caderno. Essas ilustrações parecem ser recortes de páginas de livros. Trata-se de um guia que descreve um programa de formação docente, oferecendo princípios e práticas pedagógicas para a atuação na educação básica. É composta por doze

capítulos, abordando desde a preparação para a prática de ensino até a avaliação do progresso dos estudantes e a relação com a sociedade em que o docente irá exercer sua função.

Conforme destacado por Garcia e Silva (2019), um manual pedagógico funciona como um guia para a formação docente, oferecendo um conjunto de princípios e práticas pedagógicas voltadas para a educação básica. Assim, como fonte histórica, a análise deste livro/manual possibilita compreender as práticas educacionais do período histórico aqui abordado.

Em relação à estrutura do manual, os capítulos são organizados da seguinte forma: I. Estabelecendo bases para a prática de ensino. II. Preparando para a prática de ensino. III. Iniciando a prática de ensino. IV. Conhecendo e orientando crianças. V. Dirigindo a aprendizagem. VI. Planejando o ensino. VII. Selecionando e usando materiais de ensino. VIII. Manejando a classe. IX. Dirigindo a atividade dos alunos. X. Avaliando e relatando o progresso dos alunos. XI. Estabelecendo relações. XII. Avaliando a prática de ensino. Desse modo, cada capítulo é subdividido em tópicos, considerados “princípios”, que abrangem aspectos teóricos e práticos da formação docente.

O primeiro capítulo, intitulado *Estabelecendo Bases para a Prática de Ensino*, começa com dez questões básicas, que estão organizadas à esquerda do título em letras menores e em itálico. As questões são as seguintes:

De que modo difere a prática de ensino dos demais cursos universitários? Por que uma introdução gradual aos problemas e processos de ensino é conveniente à prática de ensino? Como as pesquisas e as experimentações podem contribuir positivamente para as experiências de prática de ensino? Em que aspecto difere a preparação geral de uma pessoa da preparação para determinada carreira profissional? Como a crítica pode ser útil ao aluno-mestre? De que maneira a escola deve servir à sociedade? De que meio a sociedade utiliza para auxiliar a escola? Por que é necessário que o professorando possua uma filosofia de vida e de educação? Como o estudante forma um conceito funcional de educação? O que significa o termo interação? (Adams; Dickey, 1965, p. 11).

Essas questões orientam a reflexão e a discussão, proporcionando um ponto de partida para a formação docente e criticidade do conteúdo apresentado.

Na introdução do capítulo, os autores destacam que a prática de ensino desempenha um papel fundamental na formação de professores, proporcionando aos futuros educadores a oportunidade de compreender o processo de ensino-aprendizagem, identificar e enfrentar problemas pedagógicos, e desenvolver as habilidades necessárias para direcionar a aprendizagem dos alunos. Adams e Dickey (1965) enfatizam uma orientação positiva no programa de formação docente:

Um programa funcional de prática de ensino reclama do estudante compreensão do processo fundamental de ensino-aprendizagem, conhecimento dos problemas de ensino e domínio das habilidades necessárias à direção da aprendizagem de crianças. Para alcançar esses objetivos, o professor em formação recebe, atualmente, uma

orientação positiva que implica sua atitude em relação ao ensino de modo geral, sua conceituação de prática de ensino e suas atividades como estudante (Adams; Dickey, 1965, p. 12).

O primeiro capítulo do manual, destaca cinco "princípios", organizados como "subtópicos" para facilitar a compreensão do leitor, estão dispostos da seguinte maneira: 1. A formação do professor é uma experiência de longa duração. 2. O conteúdo de um curso de formação de professores provém de pesquisas e experimentações essenciais para um ensino efetivo. 3. A prática de ensino é uma experiência profissional. 4. O primeiro objetivo da prática de ensino é ajudar o professorando a tornar-se independente. 5. A prática de ensino desenvolve uma nítida filosofia de educação. Deste modo, a leitura dos princípios revela evidências de uma preocupação com a formação dos professores, destacando a importância de uma preparação contínua e de uma prática reflexiva que capacitem esses profissionais a se tornarem educadores autônomos e com uma base filosófica sólida.

Ao ler o primeiro capítulo do manual é possível perceber que a obra enfatiza a educação para a democracia, o aprendizado ativo e a experiência prática como fundamentos direcionados à formação de professores. Isso pode ser notado em trechos como a citação a seguir:

Os padrões de pensamento e comportamento democrático são objetivos que dirigem os esforços da escola americana. Incluem-se em tais objetivos: conhecimentos, habilidades, capacidade de compreensão, idéias, atitudes, apreciações, crenças e aspirações sancionadas pelo grupo. São êles, ainda, limitados e determinados por dois critérios preliminares; a filosofia básica da sociedade americana, e as atividades tidas por essenciais para que o indivíduo participe com êxito do grupo social (Adams; Dickey, 1965, p. 20).

A formação de professores exige mais do que a simples aquisição de conhecimentos teóricos. Segundo os autores, os futuros educadores precisam ser capazes de entender e integrar aspectos psicológicos e sociológicos, além de dominar diversas técnicas de ensino. Assim, argumentam que é necessário oferecer oportunidades para desenvolver essas competências ao longo do tempo, reconhecendo a impossibilidade de condensar todo esse desenvolvimento em um curto período:

Se o futuro professor precisa alargar pontos de vista para exercer satisfatoriamente a sua missão, é aconselhável que se lhe ofereçam oportunidades para que êle desenvolva a capacidade de perceber fatos psicológicos e sociológicos, adquira técnicas de ensino e cultive muitas outras aptidões e habilidades. Embora seja importante que êsses conhecimentos e habilidades permaneçam intimamente relacionados, é praticamente impossível condensar o desenvolvimento de todos êles em um único semestre ou mesmo ano de trabalho escolar (Adams; Dickey, 1965, p. 13).

Os autores destacam que a formação de professores deve ser um processo contínuo e abrangente, garantindo que os educadores estejam preparados. De tal modo, alertam para a necessidade de encontrar uma definição satisfatória de educação, afirmando que:

O primeiro passo do professorando para formular sua filosofia de educação é no sentido de encontrar uma definição satisfatória de educação, pois ela sintetiza os princípios que aceitamos a respeito do assunto. Toda compreensão adequada de educação começa com os processos básicos envolvidos na interação do indivíduo com o meio. Evidentemente, não se pode considerar um organismo vivo sem o meio circundante. Todo ser humano vive em determinado ambiente, não podendo em consequência deixar de com ele interagir. Sem essa interação, não existe experiência; sem experiência não pode existir aprendizagem; sem aprendizagem não há educação. As atividades educativas de alta qualidade são, em sua natureza, semelhantes à vida, e o processo educativo é uma das manifestações principais da vida humana (Adams; Dickey, 1965, p. 19).

Assim, ressaltam que a educação é um processo dinâmico e essencialmente interativo, em que o ambiente desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do aprendiz. A interação contínua entre o indivíduo e o meio é indispensável para a criação de experiências, que são a base da aprendizagem e, conseqüentemente, da educação.

No final do primeiro capítulo, os autores incluíram 21 "Aplicações", que consistem em atividades práticas:

APLICAÇÕES: 1 - Inicie sua prática de ensino com horizontes largos e pronto sempre para novas experiências. 2 - Procure compreender tanto quanto possível o processo de ensino-aprendizagem. 3 - Trabalhe no sentido de desenvolver suas aptidões para dirigir a aprendizagem de crianças. 4 - Assuma a parcela de responsabilidade que lhe cabe no planejamento de seu programa de prática de ensino. 5 - Amplie os conhecimentos que já adquiriu, reformulando-os à base de novos conceitos. 6 - Atentamente os cursos correlatos ao de prática de ensino. 7 - Procure familiarizar-se com as pesquisas mais atualizadas em educação, no seu campo especial de interesse. 8 - Esteja preparado para participar de experiências de diversas naturezas. 9 - Aproveite todas as oportunidades para relacionar a teoria com a prática. 10 - Procure tornar-se independente nas suas atividades de prática de ensino. 11 - Esforce-se por se tornar perceptivo às diferenças existentes entre as crianças com que trabalha, relativamente à maneira de aprender de cada uma. 12 - Identifique seus pontos fortes e fracos. 13 - Use a autocrítica de maneira inteligente. 14 - Aceite prazerosamente as críticas construtivas que lhe fizerem. 15 - Torne claras as suas idéias sobre educação. 16 - Procure conhecer a filosofia de educação por outros formulada. 17 - Coloque-se no lugar das pessoas com quem você trabalha, a fim de melhor compreender suas reações. 18 - Familiarize-se com o meio cultural de seus alunos. 19 - Procure discernir cuidadosamente quais os valores operantes na comunidade a que pertencem os grupos com que você trabalha. 20 - Faça por conhecer as instituições e as forças sociais que suplementam e complementam o trabalho da escola. 21 - Cultive a habilidade de trabalhar pela melhoria das condições que você encontre, utilizando-se dos recursos existentes (Adams; Dickey, 1965, p. 22-23).

Após as aplicações, seguem sete "Problemas e Exercícios" direcionados aos futuros docentes:

PROBLEMAS E EXERCÍCIOS: 1 - Obtenha o programa de preparação de professores de outras instituições educacionais de nível superior; estude-os e compare-os com o seu programa; faça sugestões construtivas para o aprimoramento desse último. 2 - Escolha uma profissão qualquer, diferente da de professor, e analise seu programa de formação. Compare-o com o de formação de professores e verifique os contrastes e semelhanças que apresentam, sem perder de vista, porém, os diferentes objetivos que as duas profissões visam alcançar. 3 - Selecione uma pesquisa importante entre as recentemente realizadas no campo de seus especiais interesses. Estude os seus relatos e registre as conclusões mais importantes por ela alcançadas. 4 - Defina minudentemente os termos e expressões: interação, relações humanas, teoria,

prática, aprendizagem ensino. 5 - Organize uma relação das qualidades mais desejáveis em um professor e faça sua auto-análise em face dessa relação. Peça também a opinião dos colegas a seu respeito, relativamente ao que se contém na mesma relação. 6 - Escreva sua filosofia da educação, destacando os propósitos e finalidades desta, bem como os meios de atingi-los. 7 - Escute as filosofias de educação formuladas pelas diversas eminentes autoridades no assunto, e compare as com a que você próprio adotou (Adams; Dickey, 1965, p. 23-24).

O capítulo encerra-se com uma “Bibliografia Seleccionada”, contendo 19 referências para aprofundamento do tema abordado, assim colocada:

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

1. American Association of Teachers Colleges, *School and Community Laboratory Experiences in Teacher Education*, Oneonta, N.Y., 1948.
2. American Council on Education, Commission on Teacher Education, *Teachers for Our Times*, 744 Jackson Place. 6, D.C., 1948.
3. American Council on Education, Commission on Teacher Education, *The Improvement of Teacher Education* (Final Report of the Commission), 744 Jackson Place, Washington 6, D.C., 1946.
4. Armstrong, E., and Hollis, E. V., *The College in Teacher Education*, 744 Jackson Place, Washington 6, D.C., 1944.
5. Brumbaugh, A. J., "The Place of the Teachers College, the Liberal Arts College, and the University in Teacher Education." Second Yearbook. The American Association of Colleges for Teacher Education, Oneonta, N.Y., 1949, pp. 16-20.
6. Cooper, R. M., *Better Colleges—Better Teachers*, New York: The Macmillan Company, 1944. 6a. Crow, Lester D., and Crow, Alice, *Human Development and Learning*, New York: American Book Company, 1956.
7. Garrison, Noble L., *The Improvement of Teaching*, New York: The Dryden Press, 1955. Chapter I.
8. Gates, Mary Frances, and Currie, Donald M., "Survey of Supervision of Student Teaching in Michigan," *Journal of Educational Research*, March, 1953, pp. 497-504.
9. Gruhn, William T., *Student Teaching in the Secondary School*, New York: The Ronald Press Company, 1954. Chapter I.
10. Jarnrich, John X., "Current Practices in Courses for the Preparation of Secondary School Teachers." *The School Review*, 61 (May, 1953), pp. 283-289.
11. Kelley, Earl C., *Education for What Is Real*, New York: Harper and Brothers, 1952.
12. Kelley, Earl C., and Rasey, Marie L., *Education and the Nature of Man*, New York: Harper and Brothers, 1952.
13. Lovinger, W. C., *General Education in Teachers Colleges*, Oneonta, N.Y.: American Association of Colleges for Teacher Education, 1948.
14. Macomber, Freeman Glenn, *Teaching in the Modern Secondary School*, New York: McGraw-Hill Book Company, Inc., 1952. Chapter I.
15. Michaelis, John Ll., and Grim, Paul R., *The Student Teacher in the Elementary School*, New York: Prentice-Hall, Inc., 1953. Chapter I.
16. National Education Association, *The Education of Teachers* (Report of the Bowling Green Conference of the National Commission on Teacher Education and Professional Standards), Washington, D.C., 1948.
17. Frail, C. E., *State Programs for the Improvement of Teacher Education*, D.C.: American Council on Education, 1946 (Adams; Dickey, 1965, p. 24-25).

Por meio da análise do manual, é possível encontrar vestígios que deixam pistas sobre aspectos relacionados ao seu contexto de produção, às concepções de educação das pessoas que o produziram, de acordo com Cunha (2013), “Só podemos historicizar aquilo que

deixou rastros de sua produção pelo homem em dado momento e espaço” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 64 *apud* Cunha, 2013, p. 155).

Considerações finais

Este texto teve como objetivo apresentar o primeiro capítulo do livro *Princípios Básicos de Prática de Ensino* como uma fonte histórica para a compreensão das práticas pedagógicas e da formação docente nas décadas de 1950 e 1960.

Diante das considerações realizadas sobre a temática, conclui-se que, nas décadas de 1950 e 1960, o Brasil vivia um período de transformações políticas e sociais, o que impactava diretamente a educação. As políticas educacionais da época refletiam uma tentativa de modernização e profissionalização do ensino, visando melhorar a qualidade da educação básica e a formação dos professores.

Pode-se destacar que, as teorias educacionais apresentadas no livro/manual evidenciam a ênfase no aprendizado ativo e na experiência prática como base para a educação. A análise do primeiro capítulo prioriza a formação integral dos professores, que não se limita apenas ao domínio de conteúdos específicos, mas também inclui a capacidade de criar um ambiente de aprendizado estimulante.

O manual aqui apresentado é uma fonte histórica que demonstra os princípios modernos da formação de professores e o impacto das teorias educacionais no exercício docente. Sua análise crítica permite uma reflexão sobre a evolução das práticas pedagógicas, a formação docente e a influência de teorias educacionais.

Referências

ADAMS, Harold P.; DICKEY, Frank G. *Princípios básicos de prática de ensino*. Tradução: Wanda Rolim Pinheiro Lopes. Editora Fundo de Cultura. Rio de Janeiro. 1965.

CUNHA, Maria Teresa S. Das mãos para as mentes: protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945-1952). *Educar em Revista*, n. 49, p. 139–159, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/vqqnMXYZLVrq9MFYJKnxcWN/?lang=pt#>. Acesso em: jan. 2024.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.



GARCIA, Tânia Maria F. Braga; SILVA, Vivian Batista da. De como ensinar: traços paradigmáticos nos manuais pedagógicos e perspectivas de investigação (1870-2015). **Educar em Revista**, v. 35, n. 77, p. 135-158, 2019.

HOELLERI, Solange A. de O.; DAROS, Maria das D. Ritos e materialidades nos entornos das conferências educacionais: Brasil nos anos 1920. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, v. 23, e269, 2023. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v23.2023.e269>

KUHLMANN JR, M.; LEONARDI, P. História da educação no quadro das relações sociais. **História da Educação**, Santa Maria, v. 21, n. 51, p. 207-227, abr. 2017.

LIMA, F. S. A ordem do presidente JK: formação de professores primários e interesses políticos na criação da Escola Normal Júlia Kubitschek, 1960. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, 22, e224, 2022.

MAUAD, A. M.; LISSOVSKY, M. As mil e uma mortes de um estudante: foto-ícones e história fotográfica. **Estudos Históricos**, v. 34, n. 72, p. 4-29, 2021. <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210102>

PAIVA, Edil Vasconcellos de. PAIXÃO, Lea Pinheiro. PABAEE (1956 – 1964): **A americanização do ensino elementar no Brasil?** Niterói: Ed. UFF, 2002.

PEDROSA, J. G.; SILVA, R. S. O. As viagens pedagógicas do jovem Anísio Teixeira à Europa (1925) e Estados Unidos da América (1927) e sua inclinação definitiva para a educação pública. **Educação em Foco**, v.23, n.40, p. 153-173, 2020. <https://doi.org/10.24934/eef.v23i40.3786>

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? **Educar em Revista**, n. 18, p. 13–27, jul. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/stdS9BXTz783zPQkKvcFCsF/#>. Acesso em: jan. 2024.